

DESIGN E CUIDADO: TRANSVERSAIS AFETIVAS NO TRABALHO JUNTO AO COLETIVO TEM SENTIMENTO

Design And Care: cross-cross affections in working with the Collective Tem Sentimento

Cunha, Marina Carmello; Doutora; Universidade Federal de Goiás, marina.carmello@ufg.br¹
Mesquita, Cristiane; Doutora; Universidade Anhembi Morumbi, kekei@comum.com²

Resumo: Este artigo entrelaça uma proposição ecológica para o conceito de saúde e a apresentação do trabalho junto ao Coletivo Tem Sentimento (São Paulo, Brasil), cuja ação se dá por meio do design de moda. Propõe articulações entre a noção de cuidado, com o intuito de disparar reflexões transversais entre saúde(s) e design, no sentido de expandir suas ferramentas. Nosso método de pesquisa considera e exercita o princípio da cartografia e uma política de pesquisa que inclui atenção aos modos de relação que se processam.

Palavras chave: Saúde(s); Cuidado; Coletivo Tem Sentimento; Design de moda.

Abstract: This article intertwines an ecological proposition for the concept of health and the presentation of the work with Coletivo Tem Sentimento (São Paulo, Brazil), whose action takes place through fashion design. It proposes articulations between the notion of care, with the aim of triggering transversal reflections between health(s) and design, in order to expand its tools. Our research method considers and exercises the principle of cartography and a research policy that includes attention to the modes of relationships that occur.

Keywords: Health(ies); Careful; Coletivo Tem Sentimento; Fashion design..

¹ Marina Cunha é graduada em Design de Moda (UAM), mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA) e Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Pós-doutoranda no PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi e professora no curso de Design de Moda da Universidade Federal do Goiás.

² Cristiane Mesquita é psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC-SP. Pós-Doutorado no Departamento de Artes da Goldsmiths, University of London. Atua como psicanalista em consultório particular e como terapeuta no Instituto Sedes Sapientiae.


Introdução

A vida é submetida a formas majoritárias que aproximam-se das diretrizes do design. Projetar as existências é parte de um diagrama de poder empenhado em uniformizar e oprimir modos de vida desviantes, dissidentes ou experimentais. Em geral, aquilo que se apresenta como inacabado, frágil, instável, precário ou lento é menosprezado pela racionalidade neoliberal. Vivemos cercados de palavras de ordem como gerenciamento, produtividade, pro-atividade, agilidade, rapidez, visibilidade, eficiência, criatividade, sucesso, mercado.

Em diferentes perspectivas, muitos desses vetores aliam-se à plena mobilização de forças majoritárias que capturam e patologizam frestas e fluxos que escapam das modelizações. Há que se refletir sobre a vida avaliada por parâmetros de eficiência e sobre os modelos de saúde e produtividade que nos atravessam.

Em diálogo com a “grande saúde” – “alerta, alegre, firme, audaz” - proposta pelo alemão Friedrich Nietzsche (A Gaia Ciência), o filósofo francês Gilles Deleuze nos convoca a pensar a “gorda saúde dominante”, a qual denuncia como “doentia”, pela incapacidade de acolher o incabível, seja ele da natureza da falta ou do excesso. “Pequenas saúdes” implicam suportar o fato de que a vida não se molda na lógica projetual, sustentar que o vivo sempre transborda, que nossos diagramas carregam movimentos múltiplos, vibrantes e afirmativos de formas minoritárias. Deleuze nos coloca a seguinte questão: “qual saúde bastaria para libertar a vida em toda a parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem pelos organismos e gêneros e no interior deles?” (DELEUZE, 1997, p.14). E ressalta sua proposição com uma citação de D.H. Lawrence: “Tudo o que é vida é vulnerável, só o metal é invulnerável” (A Serpente Emplumada).

Vale ressaltar, que um cenário de questionamentos sobre os modos de produção predominantes desde a consolidação da era industrial, fortalece a relevância de reflexões críticas em relação ao Design, cuja responsabilização no campo da sustentabilidade ambiental é convocada, especialmente desde a década de 1990. Mais recentemente, além dos



alinhamento com as diretrizes do neoliberalismo, como uma seara múltipla, capaz de produzir objetos, artefatos e ações que questionem modos de funcionamento e estratégias dominantes, controladoras e opressoras, provocando questionamentos no diagrama de forças do contexto sócio-político, econômico e cultural. Em meio à atual crise de valores, nascem e pulsam as mais diversas formas de luta e resistência.

A proposta deste artigo enfoca uma das inúmeras questões pertinentes a esse contexto: por meio de que estratégias o design escapa à racionalidade neoliberal - que o consolida e alimenta - para enfrentar linhas duras, em diversas instâncias, no sentido de criar ou potencializar linhas de combate?

A partir desta questão, começa apresentando a abordagem do psicanalista francês Felix Guattari, que, em *Três Ecologias* (2009), propõe perspectivas para a(s) saúde(s) - psíquica, social e ambiental - e convoca nossa atenção para o entrelaçamento entre elas. Nosso enfoque se dá na saúde psíquica e social, em conexão com a abordagem do segundo tópico, que apresenta o trabalho junto ao Coletivo Tem Sentimento, cuja ação se dá por meio do design de moda. O tópico 3 enfoca brevemente a noção de cuidado, para articular os eixos conceituais com o trabalho do Coletivo, com o intuito de disparar reflexões transversais entre saúde e design, no sentido de expandir suas ferramentas.

Nosso método de pesquisa considera o princípio da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995). O filósofo e o psicanalista propõem o método cartográfico em vários de seus escritos, especialmente no primeiro volume de *Mil Platôs*, explorando o "princípio da cartografia e rastreamento". Eles afirmam - em analogia com o conceito de rizoma na Botânica - que "o mapa é aberto, conectado em todas as suas dimensões" (IDEM, p. 22). Em diálogo, Kastrup, Passos e Tedesco (2014) lembram que, para além de um "extrativismo" de saberes instituídos, uma cartografia trata de "cultivar", de acessar um campo de forças e produzir modos singulares para conhecê-lo. Esta tomada de posição visa deslocamentos nas posições iniciais, assim como Deleuze ressalta engendrar-se num ziguezague. As transversais são trajetórias capazes de reconfigurar conceitos na conexão entre os diferentes planos de teoria e ação e no plano da contingência de sentidos - e não dos significados. Uma cartografia

As três ecologias: saúde(s) entrelaçadas


Guattari aponta os paradoxos da sociedade contemporânea em diversos sentidos, sem minimizar os múltiplos antagonismos e os desafios. Em suas próprias palavras:

[...] de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos. (GUATTARI, 2009, p.12)

Este mapeamento convoca reflexões em prol de uma revisão de práticas sociais e individuais, considerando enfoques sobre “três ecologias”, relativas à saúde subjetiva, saúde social e saúde ambiental, entrelaçadas e interdependentes. Esta transversalidade promove interações entre ecossistemas indissociáveis, "três pontos de referência cartográficos" (Ibidem, p.27) que podem guiar vetores de ação em processos de subjetivação, lembrando que os mesmos implicam variáveis produtivas, econômicas, políticas, entre outras instâncias.

Guattari evoca as saúdes no plural, em contraposição àquilo que nomeia como "Capitalismo Mundial Integrado" (CMI), que "constitui seus agregados subjetivos maciços, agarrados à raça, à nação, ao corpo profissional, à competição esportiva, à virilidade dominante, à star da mídia" (Ibidem, p.34) , referindo-se aos modos dominantes de existência e de produção. Inventar e cultivar modos dissidentes, por meio de processos de heterogênese, de "práticas micro-políticas e micro-sociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas[...]" (Ibidem, p.35) faz parte da produção das saúdes, no plural.

Neste artigo enfocamos, em especial, a ecologia social e psíquica, já que o trabalho apresentado no tópico seguinte se dá junto a um grupo de pessoas em situação de exclusão e de vulnerabilidade. A saúde social convoca nosso olhar para relações humanas, sem perder de vista as situações de opressão. E a saúde subjetiva implica a dimensão e processos psíquicos, que reverberam individualmente - no exercício singular das existências - mas que ressoam



ola@grandesite.com.br


Suas palavras encaminham nossa apresentação do trabalho junto ao Coletivo Tem Sentimento.

Com sentimentos: processos e afetos para além do projeto

É no contexto de trabalho da ONG Coletivo Tem Sentimento que as reflexões apresentadas aqui se desdobram e vão ganhando espacialidade e vida. O grupo foi fundado por Carmen Lopes e está situado no mesmo terreno do Teatro de Container, próximo à Estação da Luz, na região central de São Paulo. Desde 2020, ocupa um container com uma oficina de costura neste terreno, onde mulheres que vivem na região aprendem a costurar e produzir peças têxteis para venda.

Foi ao receber Laurah no container para que aprendesse a costurar, como foi feito com outras mulheres acolhidas pelo projeto, que as diretrizes enraizadas do design revelaram suas duras amarras, transformando um momento de fabulação em um simples erro. Laurah é exuberante, usa sempre um turbante de tecido, muitas pulseiras e acessórios, cintos largos e sobrepostos e saias longas. Ela se sentou em frente à máquina, fez os exercícios básicos e teve as explicações de como fazer uma barra em um tecido. O material já preparado foi entregue a ela e ela ficou trabalhando sozinha. Na barra pronta, em um ponto da costura, Laurah havia se perdido um pouco na linha reta e paralela à barra, subindo uma “montanha” que parecia o Monte Everest, descendo novamente e voltando à linha reta. Questionada sobre o que havia acontecido, ela prontamente respondeu: a costura estava retinha, mas quando cortei a linha que estava sobrando, ela afrouxou e entortou sozinha. Infelizmente, como em outras situações vividas ali, a narrativa inventada por Laurah foi aceita, mas sua costura não, e lhe foi solicitado que refizesse a costura, produzindo uma linha, de fato, reta. Enrijecer os traços e as invenções das meninas com ensinamentos baseados em um universo onde o que importa é a perfeição, o resultado e o valor de mercado do objeto desenvolvido, se mostrou cotidianamente dolorido. Esse “padrão” exigido pelo mercado da moda, trouxe situações bastante tristes nessas interlocuções entre mundos presenciadas e ativadas ali.

É possível citar, por exemplo, o acompanhamento da intervenção do Instituto C&A, programa de voluntariado da rede multinacional de lojas de departamentos, que visa



aprendizado, se a ONG pudesse pagar para as meninas sem que houvesse a necessidade de produzir peças para venda e se a vida das alunas não fosse tão flutuante e fluida.

Diferente de outros territórios e instituições, o aprendizado neste contexto teria que acontecer ao mesmo tempo em que seriam desenvolvidas as encomendas para os clientes que contratam o Coletivo, já que, sem financiamento fixo, é necessário vender para gerar renda. Assim, as máximas “aprender fazendo”, “aprender com a prática” e “aprender desenvolvendo projetos reais”, tão abordadas pelas ditas metodologias de ensino ativas e colaborativas amplamente discutidas e implementadas nas instituições educacionais, era o único caminho possível ali³.

Foram, então, adaptados os exercícios de aprendizado às necessidades de desenvolvimento de produtos do Coletivo. Essa estratégia fez com que, em alguns casos, fosse perdida matéria prima, porque com os erros naturais do aprendizado de corte, costura e montagem, alguns materiais acabaram ficando inutilizados. Em outros momentos foram perdidos os prazos de entrega, já que os tempos de aprender e produzir se atravessavam, sendo mais difícil fazer projeções de cronograma.

As dificuldades desse processo se somavam às complexidades das vidas das meninas participantes do projeto: mulheres trans e cis, moradoras da região da Cracolândia, em sua maioria usuárias de drogas, como crack, cocaína e álcool. O contexto de vida das meninas, atrelado à realidade do vício, fazem com que a atividade de trabalho no projeto seja, muitas vezes, flutuante e volátil. E é justamente nesse ponto que é nítida a importância do projeto da Dona Carmen (como é carinhosamente chamada pelos moradores da região). O Coletivo funciona como lugar de acolhimento e formação, uma tentativa de dar às mulheres a possibilidade de sair da prostituição e reduzir o uso de drogas, através da remuneração dos serviços ali prestados, com o intuito de oferecer às meninas a possibilidade de uma vida social ativa e digna para além do universo da Cracolândia. Algumas vezes as mulheres se

³ Tais discussões sobre métodos de ensino que valorizem os conhecimentos para além do sistema de educação formal foram amplamente difundidas através dos textos de Paulo Freire, principalmente em seus livros “Pedagogia do Oprimido” (1987) e “Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática pedagógica” (1996), mas também por outros autores, como Jacques Delors (1999), Lino de Macedo (2005), Dermeval Saviani (1983), entre outros.

aprendizado recém conquistado. Assim, a vida flutuante das meninas, entre mergulhos e emersões em seus múltiplos mundos, também acaba fazendo com que a produtividade, qualidade e o cronograma de entrega das encomendas sejam imprevisíveis.

Por isso, a maioria dos clientes fazem suas encomendas sabendo do contexto do Coletivo, querendo ajudar o projeto ou ainda porque não são produtos centrais no rendimento financeiro de sua empresa. Sempre é motivo de muita comemoração quando alguma encomenda é entregue, fechando o ciclo caótico e vivo desse aprendizado-produção.

Acontece que, quando os clientes ou parceiros estão pautados por processos padronizados pelo mercado, acabam por atravessar de forma brusca a vivência e os aprendizados que acontecem no convívio do Coletivo. Por isso, é importante levantar a problemática da intervenção do Instituto C&A. A parceria estabelecida em 2020 e muito bem vinda para a estruturação do espaço físico do Tem Sentimento, trouxe também questionamentos importantes sobre resultados, padrões e intenções, quando se trata do auxílio financeiro vindo de grandes empresas e fundações internacionais. As noções de conceitos como coletivo, identidade, tempo, beleza e cuidado, sendo dissolvidas em modos de operar verticalizados, impondo necessidades e tempos neoliberais em meio a prestações de contas apressadas, vinculadas a resultados “instagramáveis”. A proposta inicial de pensar uma coleção desenvolvida pelas meninas, com as características que o grupo já trabalhava em suas produções (uso de retalhos coloridos e costuras de overlock aparentes, por exemplo), se transformou em uma coleção “padrão C&A”⁵, que utilizaria as cores que estavam em alta nas tendências e estampas feitas em uma oficina de desenho pelas meninas, redesenhadas por um designer gráfico.

A dificuldade de gestão do dinheiro disponibilizado pela instituição somada às necessidades estruturais do Coletivo, como a compra de máquinas de costura industriais e a

⁴ Para maior conhecimento sobre essa temática e principalmente sobre os efeitos sociais do uso dessas substâncias, sugiro a tese “Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack”, de Taniele Rui (UNICAMP, 2012), disponível em: http://www.neip.info/downloads/Taniele_Rui_Tese.pdf.

⁵ Foi com esse termo que uma das voluntárias elogiou um moletom costurado pelas meninas, desmerecendo as demais peças ali feitas: “ah! este sim está no padrão C&A”.

Figuras 1, 2 e 3:



Desfile “Da Rua Pra Rua”. Fonte: Instagram Coletivo Tem Sentimento (<https://www.instagram.com/coletivo_temsentimento/>, Acesso em 12 abr. 2022).

A ideia de uma “estruturação de negócio” e o apoio dos voluntários do Instituto, que a princípio pareciam de bastante importância para a sobrevivência do Coletivo, acabaram se mostrando apoios ínfimos e caóticos, uma imposição de um modelo de produção, pensamento e vida que não são condizentes com o contexto em que a ONG está inserida. Da complexidade de sentimentos que o nome do Coletivo quer trazer, como me explicou a fundadora do grupo no dia que a conheci⁶, o que ficou marcado nas meninas e em mim foi a alegria de finalizar algo feito realmente por elas e a frustração de uma intervenção mal administrada por parte do Instituto.

Depois dessa experiência, houveram tentativas de desenvolvimento de uma coleção independente com o Coletivo, das quais emergem questões que colaboram para este artigo. Ao iniciar este planejamento com as meninas, ficou claro que não seria possível seguir o passo-a-passo ou “receita de bolo” para o desenvolvimento de coleções largamente utilizado pelos professores da área de moda, baseado em teorias de métodos projetuais de design. Em geral, todas essas metodologias consistem na proposta de um processo linear, resumido nas fases de pesquisar, planejar e ao final, desenvolver.

Diante do contexto, outras formas mais acessíveis e dinâmicas foram utilizadas. Neste caso, o repertório pessoal, a própria vida e os desejos se sobrepuseram à necessidade de

⁶ Sobre o nome *Coletivo Tem Sentimento*, Carmen Lopes disse: “Sentimento não é coraçãozinho, amorzinho, não. Eu queria que fosse Sentimentos, mas ficou mais bonito no singular. É todo sentimento, é amor, mas é raiva, é tristeza, alegria, ódio. É *Coletivo Tem Sentimento* para lembrar que todo sentimento é bem vindo e acolhido aqui”.

A imaginação ativada nesse processo apresenta, através das falas das meninas, uma imensidão de possibilidades, como se tudo pudesse ser feito. Este processo de criação é meio para a invenção de um mundo que ainda não existe, onde elas vestem tecidos que não acessam facilmente, cortes bastante elegantes ou imaginam mulheres de bairros nobres usando as roupas criadas por elas. Dada a dinâmica bastante variável, essa coleção ainda está em andamento.

Este processo tem provocado muitas questões sobre as ferramentas e métodos de design aplicados em qualquer contexto como uma fórmula resolutive de qualquer problema. Seria o design remédio para tudo? Qual é o design que pode colaborar para, minimamente, melhorar algo no mundo? Para atuar em que mundo educamos nossos designers? É possível pensar dentro do design, processos de criação para desenvolvimento de produto em diálogo com as flutuações da rua e da própria vida?

As experiências vividas no contexto do Coletivo Tem Sentimento, colocam em foco as fragilidades dos formatos engessados usualmente trabalhados na indústria de desenvolvimento de produto e na formação de profissionais dentro de instituições educacionais. Quando o Instituto C&A tenta aplicar as premissas projetuais comumente praticadas industrialmente num contexto flutuante como o do Tem Sentimento, é fácil identificar frustrações e dificuldades de ambos os lados. Tanto o Instituto espera que o grupo incorpore seus padrões e se adeque ao mercado, quanto o Coletivo espera que o Instituto seja flexível, adaptando os padrões para o que é possível nesse contexto, relevando “erros”, uma vez que estes são inerentes ao processo de aprendizado. Nessa situação, o termo “Padrão C&A” acabou sendo utilizado pelas participantes como forma irônica de dizer que uma peça está muito bem produzida e acabada. Termo que acaba tratando de forma pejorativa o processo de aprendizado das meninas, intensificando a disputa entre elas e colocando o grupo em um lugar “não profissional” de desenvolvimento de produtos de moda.


No entanto, segundo Alfredo Borrero (2015, , tenham ou não consciência, as pessoas estão exercendo, em grande parte do tempo, a natural e ancestral habilidade de fazer design. Nesse sentido,

Assim, se é papel do design repensar nossos modos de vida, provocando mudanças estruturais nas formas de conceber o mundo e seus usos, é preciso repensar também a forma como reproduzimos esse pensamento projetual unicamente voltado ao desenvolvimento de mercadorias e serviços, deixando de lado a possibilidade de reestruturar nossas organizações coletivas, formas de trabalho e sustentação da vida (SERPA; BATISTA, 2021). Provocando, dessa forma, adoecimento, infelicidade e promovendo a continuidade de sistemas de opressão e consumo, consolidando organizações de poder preexistentes.

Cuidado em ação

O conceito de cuidado vem ganhando amplitude impressionante na última década, não por acaso. A Pandemia de Covid19 ampliou como nunca a conjugação do verbo cuidar, que já demandava mais atenção, desde os avanços de crises de diferentes naturezas que assolam o planeta na virada para o século XXI. Uma investigação mais criteriosa sobre este imperativo excederia os limites deste texto, mas vale dizer que são inúmeras as abordagens do conceito e da prática realizadas em seu nome, tanto na comunidade científica quanto no senso comum.

Para nosso enfoque, é importante lembrar que a compreensão e gestão da noção de cuidado - de si, do outro, do coletivo, ou ainda da cidade, do País, do planeta - é produzida historicamente. Os diversos significados, seus usos, amplitudes, capturas, cooptações, ressonâncias e dissonâncias nos remetem a uma complexa rede e a uma infinidade de agenciamentos. “Está inserido na humanidade desde o início da história do ser humano, acompanha a evolução dos tempos, convive com as mais variadas formas de sociedade e está no interior das discussões nos diferentes contextos coletivos” (SILVA et al., 2009, p. 698) , nos lembra um grupo de estudiosos. A origem etimológica do termo, do latim cogitatu, que remete à "pensado, imaginado, meditado” (IDEM) exalta derivações e o aproxima aos campos da abstração. No senso comum, bem sabemos, está associado a ideias como atenção, precaução, zelo, dedicação a alguém ou algo e etc. As estratégias indicam curiosa amplitude: “descansar, comer adequadamente, fazer exercício regularmente, dançar, caminhar, abraçar,



tornando-o uma responsabilidade individual, de práticas mercantilizadas e a serviço da produtividade. Foucault (2008, 2012) lembra que o cuidado pode tornar-se uma modalidade de “governo da vida”. Este diálogo é um ponto nevrálgico para uma visão crítica do cuidado, pois por meio de suas práticas, pessoas e populações são colocadas sob os mais diversos regimes de controle.

Em outro sentido, ao abordar o "cuidado de si", o filósofo descreve elementos constituintes de uma “cultura de si” na civilização grega. Elenca três perspectivas para o que chama de “atitude individualista”. A última delas, diz respeito à “intensidade das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se” (FOUCAULT, 1985, p.48). Diversas atividades em torno da palavra, da escrita, bem como do corpo e da convivência coletiva desenvolveram-se no contexto abordado, marcado pelo atravessamento de práticas individuais, sociais e políticas. Esta abordagem nos é bastante cara, pela atenção que o autor confere às conexões entre cuidados individuais e modos de se relacionar com o campo coletivo e político.

A perspectiva de Foucault dialoga com Guattari, quando o psicanalista investiga e pratica uma clínica ampliada, apontando o “necessário ‘engajamento’ não somente dos operadores ‘psi’, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda, etc.)” (GUATTARI, 2009, p.21). Guattari enfatiza perspectivas clínicas sob um “paradigma estético” e aproxima o conceito de processo de criação da noção de saúde (GUATTARI, 1992).

Em seu surgimento no território da Cracolândia, o Coletivo Tem Sentimento, consistia em ações pensadas por Dona Carmen para acolher, principalmente, as mulheres que viviam ali. Uma das primeiras ações foi a chamada Semana da Diversidade e Beleza, onde foram oferecidas oficinas de costura e cuidados estéticos, com o intuito de resgatar o autocuidado das usuárias e moradoras do território (TRIP TV, 2018). A ação aconteceu na Praça Princesa Isabel e, nas oficinas de costura, as mulheres aprenderam a fazer sua própria

cuidado de si, cuidados coletivos, entre outras variáveis e afetos. Num registro realizado pela revista Trip (2018), as mulheres fazem relatos sobre sua participação nas oficinas de autocuidado. Ao final do vídeo, Vanusca é questionada pela entrevistadora: “O que significa isso para você?”, referindo-se às ações de cuidado desenvolvidas na ocasião. A entrevistada responde sem hesitar: “Pra mim? Vida” (TRIP TV, 4’28”, 2018).

Articulações Finais

Nosso trajeto parte do desejo de pensar eixos conceituais que coloquem o Design numa esfera crítica e que convoquem potencialidades para além do pacto capitalista e neoliberal. Neste sentido, a investigação enfoca uma ação pontual, dedicada a um grupo de pessoas excluídas e em situação de vulnerabilidade social. Nossa cartografia explicita as transversalidades, por meio de um exercício micropolítico de cuidado e de resistência.

A produção de subjetividade, de saúde e de modos de cuidar se dá pela permanente construção de sentidos e de forças, que variam ao longo do tempo e das circunstâncias e que podem ser expressas das mais diferentes formas. Esta articulação nos aponta para uma aceção do design menos mancomunado com parâmetros projetuais e mais produtor de descobertas e de modos de estar no mundo; mais como um agente no campo de batalha das desigualdades e menos como uma seara de produtividade. Explorá-lo como ferramenta de cuidado e não de adoecimento, capaz de ativar “pequenas saúdes”, que considerem vidas dissidentes, que não se moldam pela lógica projetual, que transbordam, que carregam movimentos múltiplos, vibrantes e afirmativos de formas minoritárias.

Repensar o “Padrão C&A” e inventar, quem sabe, um “Padrão Tem Sentimento”, desobediente, instável, processual e sujeito a erros. Vulnerável como a vida, em suas dimensões não mercantilizadas e descontroladas. Estas equações nos remetem a uma das Ideias para adiar o fim do mundo, do pensador e ativista indígena Ailton Krenak, título-frase que sintetiza o imenso e urgente desafio das mais diversas áreas do conhecimento: “Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos,

DOBBOIO, ROBERTO. **O positivismo jurídico. Lições de Filosofia do Direito.** São Paulo: Ícone, 1995.

SILVA, C.; LEITE, L. F. L.; REGO, J. M. **Palavras ao vento.** 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ENCICLOPÉDIA da música brasileira. São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/encmusical/>>. Acesso em: 16 ago. 2001

Referências

BOFF, L, 1999. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.** Petrópolis: Editora Vozes.

BORRERO, Alfredo Gutiérrez, 2015. **Resurgimientos: Sures Como Diseños Y Diseños Otros.** Nómadas 43. Colombia: Universidad Central.

DARDOT, P. e LAVAL, C, 2016. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo.

DELEUZE, Gilles, 1997. **Crítica e Clínica.** Sao Paulo: Ed. 34.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34.

FOUCAULT, M, 1985. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M, 2008. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M, 2012. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes.

GUATTARI, F, 1992. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Rio de Janeiro: Editora 34.

GUATTARI, F, 2009. **As três ecologias.** São Paulo: Papyrus.

INSTITUTO C&A. **O Instituto C&A.** [s.d]. Disponível em: <<https://institutocea.org.br/sobre-nos/quem-somos/>>. Acessado em 23 ago. 2022.

KRENAK, Ailton, 2019. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras.

MESQUITA, Cristiane; SANTOS, Robson, 2017. A. **Design e conspiração: gambiarras, subversões e outras desobediências.** In: Designa 2016 Conferência Internacional de Investigação em Design, Covilhã. Designa 2016 Erro(r) Proceedings. Covilhã: Serviços Gráficos da UBI, 2017. v. 01. p. 221-229. Disponível em:



17  fórum das
escolas de moda

9º CONGRESSO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

Design, 2021, Fortaleza. II COLÓQUIO DE PESQUISA E DESIGN DE(S)COLONIZANDO O DESIGN - E-BOOK DE RESUMOS EXPANDIDOS. Fortaleza: Editora Nadifúndio, 2021. p. 199-206.

SILVA, I. J, 2009. et al. **Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem.** Rev. Esc. Enferm, USP, v.43, n.3. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/. Acesso em: 01 mai. 2020.[MV1]

TRIP TV, 2 mar. 2018. **O cuidado e o amor-próprio entre mulheres na cracolândia.** YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sigU2YlqwwU&t=298s>. Acesso em: 27 abr. 2023.